

**“Uma Medeia para Medeia”: preâmbulo e tradução poética da carta de
Hipsípila a Jasão, das *Heroides* de Ovídio**

João Victor Leite Melo

Programa de Pós-Graduação em Letras – UFES

joaoxv11@gmail.com

RESUMO: Dentre as vinte e uma epístolas elegíacas que compõem as *Heroides* ovidianas, o discurso da carta de Hipsípila a Jasão singulariza-se por não tentar convencer o herói a retornar para os seus braços. Em vez disso, ela recapitula as promessas não cumpridas do líder dos argonautas e termina sua invectiva rogando uma série de maldições que, de fato, recairão sobre Jasão e Medeia, como poderemos observar na tradução que ora se apresenta, na qual os dísticos elegíacos latinos foram transpostos por pares de versos dodecassílabos e decassílabos.

Palavras-chave: Ovídio; *Heroides*; Hipsípila; Tradução poética.

**“A Medea for Medea”: preamble and poetic translation
of Hypsipyle’s letter to Jason, from Ovid’s *Heroides***

124

ABSTRACT: Among the twenty-one elegiac epistles of the Ovidian *Heroides*, the speech in Hypsipyle’s letter to Jason stands out for not trying to convince the hero to return to her arms. Instead, she recapitulates the unfulfilled promises of the leader of the Argonauts and ends her invective by calling for a series of curses that, in fact, will fall on Jason and Medea, as we can see in the translation now presented, in which the Latin elegiac couplets were transposed by pairs of twelve-syllable and decasyllable verses.

Keywords: Ovid; *Heroides*; Hypsipyle; Poetic translation.

Preâmbulo

Dentre as vinte e uma elegias em formato de cartas que tradicionalmente integram as *Heroides* de Ovídio, uma delas tem como remetente Hipsípila, neta de Baco e Ariadne, rainha de Lemnos e primeira esposa de Jasão antes de ele abandoná-la para ficar com Medeia, a célebre feiticeira e princesa de Cólquida. De acordo com a narração de Ovídio nas *Metamorfoses* (7.1-393), nitidamente baseada na *Medeia* de Eurípedes e nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes, Jasão é o protagonista da aventura envolvendo os argonautas em sua busca pelo velocino de Frixo. Ao aportar em Cólquida, o herói reivindica a posse do áureo

velo junto ao rei da região, Eetes, pai de Medeia, o qual impõe algumas exigências para entregar-lhe o cobiçado objeto, tais como: subjugar ao arado os indomáveis touros de Marte que cuspiam chamas; plantar sementes venenosas, das quais germinariam guerreiros armados para atacá-lo, e, por fim, conseguir furtar o velo de ouro que estava guardado em uma caverna, vigiada por um dragão que jamais dormia.

Sabendo dos poderes de Medeia, Jasão pede sua ajuda para executar as tarefas, prometendo que, se conseguisse sair ileso e vitorioso do desafio, casar-se-ia com ela (*Met.* 7.89-97). Ato contínuo, apaixonada pelo líder dos argonautas, Medeia fornece a Jasão os recursos mágicos para ser bem sucedido na realização da temível empreitada (*Met.* 7.98-99). Tendo concluído a missão com êxito, ele cumpre a promessa e leva Medeia consigo de volta ao seu reino, na Tessália (*Met.* 7.100-158). Todavia, nas *Metamorfoses*, Ovídio não conta a história de Jasão antes dos eventos que culminam na expedição dos argonautas. Tendo em vista o *corpus* ovidiano, somente nas *Heroides* encontramos mais detalhes a respeito da vida pregressa do herói, que ficou conhecido, sobretudo, por sua ingratidão com Medeia ao preteri-la, mais tarde, por Creúsa, filha de Creonte, rei de Corinto (*Met.* 7.394-395).

A partir da carta 6 das *Heroides*, o leitor fica sabendo que ele tinha uma esposa antes de se envolver com Medeia, e que seu caráter dúbio de traidor ingrato já havia sido experimentado anteriormente por outra mulher. Em sua missiva, Hipsípila expõe as promessas não cumpridas de Jasão e, injuriada pelo abandono, grávida de gêmeos quando ele partiu (*Ep.* 6.61-62), elabora um potente discurso invectivo contra ele.

Diferentemente da maioria dos quinze primeiros poemas compreendidos pela coletânea ovidiana de cartas de personagens femininas da mitologia que escrevem aos seus amados, procurando convencê-los a retornarem para seus braços, a *epistula* de Hipsípila consiste em um extenso desabafo colérico e indignado. Em sua peroração, a personagem não pede para o herói reatar os laços afetivos que os uniam antes de ele ter partido em busca do velocino, mas, ao contrário, ela lança uma série de maldições (*Ep.* 6.153-164) que, realmente, acabam recaindo sobre Medeia, como relata a própria feiticeira em carta a Jasão (*Ep.* 12), logo após relembrar sua fuga de Cólquida e o assassinio de seu próprio irmão:

Laese pater, gaude; Colchi gaudete relict;
Inferias umbrae fratris habete mei;
Deseror amissis regno patriaque domoque
Coniuge, qui nobis omnia solus erat.
(*Ep.* 12.159-162)

Goza, traído pai; gozai, lesados cólquidos;

sombras de meu irmão, tende isso em paga;
perdi meu lar e reino, e fui abandonada
por meu marido, tudo o que eu tinha.
(Tradução de MELO, 2021b, p. 87).

Ciente dos eventos trágicos que sucedem o abandono da feiticeira de Cólquida – como o assassinato dos dois filhos de Jasão por parte de Medeia, mãe das crianças –, o leitor é levado a constatar a eficiência profética do discurso de Hipsípila, a qual, mesmo sem ter os mesmos poderes sobrenaturais de sua rival, acabou sendo, em alguma medida, como ela mesma diz em sua carta, via antonomásia¹, *Medeae Medeae* (“uma Medeia para Medeia”) (*Ep.* 6.151).

Sobre a presente tradução

De acordo com nossa pesquisa, desde o final do século XVIII até o início do XXI, há pelo menos cinco traduções integrais das *Heroides* de Ovídio em português. Dentre essas, três estão em prosa corrida, realizadas por Walter Vergna (1975), Simone Gonçalves (1998) e Dúnia Silva (2003). A mais recente, de Ascenso André (2016), embora esteja “segmentada e com avanço na margem da segunda linha em relação à primeira, com vistas a imitar a tradicional disposição dos dísticos elegíacos latinos” (MELO, 2021b, p 77), também poderia ser considerada uma versão em prosa, com a diferença de ter a aparência de verso, o que facilita o cotejo linha a linha com o original – apesar de não ser bilíngue.

Até onde sabemos, a primeira e talvez única vez que a obra saiu publicada integralmente em versos metrificados da língua portuguesa teria sido na edição de 1789 das *Cartas de Ovídio chamadas Heroides*, realizada por Miguel do Couto Guerreiro,² na qual cada dístico elegíaco do texto de partida foi transposto por um terceto de decassílabos heroicos, dispostos em terça rima (MELO, 2021, p. 120).

De nossa parte, tendo em vista a dinâmica claudicante do dístico elegíaco latino, gerada pela alternância entre hexâmetros e pentâmetros datílicos, optamos por traduzir a sexta *epistula* das *Heroides* ovidianas com dísticos vernáculos, formados por metros dodecassílabos, acentuados na sexta sílaba, e decassílabos heroicos, mantendo a isostiquia³ com o poema original.⁴ Como

¹ Consiste na substituição de um nome próprio por uma circunstância ou qualidade que a ele se refere intrinsecamente como epíteto (TAVARES, 1996, p. 379).

² Couto Guerreiro não só as traduz, mas também, elabora mais quinze respostas para as quinze primeiras cartas (MELO, 2021, p. 133).

³ Termo cunhado por Oliva Neto (2010, p. 270-271) que significa: “igualdade no número de versos”.

⁴ Esse modelo de dístico vernáculo, composto por dodecassílabos e decassílabos de formatos variados, tem sido amplamente utilizado em traduções de elegias latinas, desde a publicação, em 1996, d’*O Livro de Catulo*, cuja seção elegíaca (do poema 65 ao 116) foi traduzida por Oliva Neto com esse arranjo. O mesmo esquema pode ser visto, para citarmos apenas alguns exemplos, nas

argumentamos em trabalho anterior, dada a repercussão desse formato no meio acadêmico após a tradução de Oliva Neto (1996) para a seção elegíaca d’ *O Livro de Catulo*, polimetria e isostiquia “passaram a ser requisitos essenciais à busca pela homologia estrutural entre a dinâmica claudicante da elegia latina e suas respectivas propostas de versões poéticas em dístico vernáculo” (MELO, 2023, p. 191).

O texto latino utilizado para nossa tradução segue transcrito ao fim deste trabalho e provém da edição crítica da obra, estabelecida por Henri Bornecque (1961). Os versos entre colchetes, por não constarem ou estarem ilegíveis em cópias provenientes do *Codex Parisinus* 8242 (séc. IX), são considerados pelo referido editor como interpolações, pois só aparecem em manuscritos mais tardios (BORNECQUE, 1961, p. xx-xxi). Feitos os devidos esclarecimentos, segue nossa proposta tradutória:

HIPSÍPILE A JASÃO

[Lemníade Hipsípíle, neta de Baco,⁵

ao filho de Esão⁶ diz do que sente.]

Contam que o teu navio voltou à Tessália,⁷

rico, portando o áureo velocino.

Meus parabéns por são e salvo estares; mas

devias ter-me escrito sobre isso.

Por não tornar ao reino meu, conforme o plano, 5

a ti, ventos talvez tenham faltado.

Mas ventos não impedem que se escrevam cartas;

eu merecia, ao menos, um recado.

Por que sei pela fama, em vez de tua carta,

que os sacros bois de Marte⁸ subjugaste, 10

que brotaram guerreiros do que semeaste,

traduções das *Elegias de Sexto Propércio*, realizada por Flores (2014), nas *Elegias de Tibulo*, traduzidas por Alves (2014), nos *Amores* de Ovídio, traduzidos por Duque (2015) e nos *Fastos*, também de Ovídio, traduzidos por Gouvêa Júnior (2015).

⁵ Deus do vinho, filho de Júpiter e Sêmele. Desposou Ariadne (*Met.* 8. 169-182).

⁶ Pai de Jasão, irmão de Pélias (GRIMAL, 2011, p. 150).

⁷ Região ao norte da Grécia (FARIA, 1975, p. 1004).

⁸ Deus da Guerra, filho de Jove (GRIMAL, 2011, p. 291).

mas, sem sequer tocá-los, pereceram,
e que um dragão insone protegia o velo,
arreatado por teu braço forte?⁹
Ah, pudesse eu dizer aos cétricos que “o próprio 15
sobre isso me escrevera”, quanto orgulho!
Queixar-me de um esposo omissos, de que vale?
Já é grande favor, se ainda eu for tua.
Contam que bruxa bárbara veio contigo,
na parte prometida a mim do leito.¹⁰ 20
O amor faz crer em tudo. Tomara se diga
que injustamente eu acusei meu homem!
Há pouco, tive um hóspede, vindo da Hemônia,¹¹
o qual, nem bem chegara, e eu já lhe disse:
“E o filho de Esão, como vai meu marido?” 25
Perante mim, sem graça, abaixa os olhos.
Desesperada, rasgo a minha roupa e grito:
“Vive? Ou também a mim os fados chamam?”.
“Vive”, disse hesitante; ordenei que jurasse;
e, ainda que jurasse, a custo, eu cria. 30
[Ao recobrar o ânimo, inquiri teus feitos.
Contou que os bois de Marte lavoraram
e, em vez de grãos, plantaste dentes de serpentes,
dos quais nasceram logo homens armados,

⁹ As façanhas realizadas por Jasão para conquistar o velocino de ouro serão novamente comentadas em dois outros momentos (31-38, 97-98). Enquanto as duas primeiras ocorrências (9-16, 31-38) soam como elogiosa recapitulação, a última (97-98) parece servir como preparação ao argumento de que “não foi Jasão, mas sim a filha de Eetes / quem conquistou o áureo velocino” (103-104).

¹⁰ Referência a Medeia, que retornou com Jasão para Iolcos após a conquista do velo de Frixo (*Met.* 7.156-158).

¹¹ Antigo nome da Tessália, na Grécia (FARIA, 1975, p. 445).

e que estes pelejaram em luta fratricida, 35
selando, num só dia, seus destinos,
e que um dragão lograste. Esperançosa e trêmula,
de novo, se Jasão vive, pergunto.]
E, então, no entusiasmo com que narra os fatos,
deixou sair o golpe que me deste. 40
Onde a fidelidade? Onde as juras de bodas?
A tocha era de núpcias ou funérea?
Não foi pelo adultério que me conheceste;
Juno¹² e Himeneu¹³ firmaram nosso enlace;
[Qual Juno ou Himeneu? Presente esteve Erínia,¹⁴ 45
sangrenta e triste, com infaustas tochas.]
Que tenho a ver com os mínias¹⁵ e o tritônio¹⁶ barco?
Que tens com minha pátria, ó nauta Tífis?¹⁷
Não era aqui que estava o áureo velocino,
Lemnos não era o reino de Eetes.¹⁸ 50
Primeiro eu quis banir (mas mal fado arrastava-me),
com minha feminina tropa, os hóspedes,
pois sabem derrotar os homens as lemníades;¹⁹

¹² Deusa filha de Saturno, irmã e esposa de Jove. Preside ao nascimento das crianças (GRIMAL, 2011, p. 260).

¹³ Deus que conduz o cortejo nupcial (GRIMAL, 2011, p. 229).

¹⁴ Entidade do mundo inferior. Uma das três Eumênides, também chamadas, em Roma, de Fúrias (GRIMAL, 2011, p. 146-147, 179).

¹⁵ Povo da Tessália, assim chamados por causa do rei Mínias. Nesse verso, trata-se dos companheiros de Jasão (BRONECQUE, 1961, p. 33, nota 8).

¹⁶ Referência ao navio Argo, que teria sido construído com a ajuda de Atena, nascida às margens do lago Tritono, na Numídia (BRONECQUE, 1961, p. 34, nota 1).

¹⁷ Piloto da Argonave (GRIMAL, 2011, p. 448).

¹⁸ Pai de Medeia, rei de Cólquida, filho do Sol, irmão de Circe (GRIMAL, 2011, p. 129).

¹⁹ Hipsípile parece aludir ao episódio anterior à chegada de Jasão em seu reino, no qual, devido aos desdobramentos de uma maldição lançada por Vênus sobre as mulheres da ilha de Lemnos (“as lemníades”), elas decidiram matar todos os homens que lá habitavam. Esse evento será novamente mencionado perto do fim da carta (139-140).

teria a sã milícia me salvado.

Ao ver-te, concedi meu teto e minha alma. 55

Ficaste aqui por dois verões e invernos.

Era a terceira messe, e, à força, deste velas
em lágrimas, dizendo tais palavras:

“Parto, mas volto (queiram os fados!), ó Hipsípile.

Teu daqui saio, teu serei pra sempre; 60

o que de nós se esconde no teu ventre grávido
viva, e sejamos pais do nascituro!”

As lágrimas rolavam por teu rosto falso,
nem conseguiste mais falar, recordo-me.

És o último a embarcar na sagrada Argonave, 65

que voa; faz vergar a vela o vento;

[sobre azuladas ondas, o navio avança;

tu olhas para a terra e eu fito as águas.]

Para avistar o mar, subo a mais alta torre;

as lágrimas me encharcam, rosto e peito. 70

Olho através das lágrimas e, favorável
ao meu desejo, a vista vai mais longe.

Temendo, em meio a castas preces, fiz promessas
que deverei pagar, pois estás salvo.

Pagar promessa? Quem vai gozá-la é Medeia! 75

Meu coração ferido odeia e ama.

Ofertarei aos templos por perder-te vivo?

Imolarei a hóstia por danar-me?

Nunca estive segura e sempre duvidei

que teu pai não tivesse nora em Argos.²⁰ 80

Argólicas temi; feriu-me a bruxa bárbara.
De onde eu não supunha, veio o golpe.
Nem é pela beleza que aquela te encanta,
mas sim por seus feitiços e ervas mágicas.

[Ela desvia, à força, o percurso da Lua 85
e os cavalos do Sol esconde em trevas;
ela reverte o fluxo normal dos rios
e troca de lugar rochas e selvas;
vagueia pelos túmulos descabelada,
catando ossos das funéreas piras. 90
Com bonecos de cera, ela fustiga ausentes,
ferindo, de agulhada, os simulacros,]
entre outras coisas que é melhor nem mencionar.
O amor vem da virtude, não das ervas.

Consegues abraçá-la e, na mesma cama, 95
fruir bom sono em noites silenciosas?
Por certo, ela te impôs, como aos touros, o jugo
e te encantou, assim como aos dragões.
E mais: quer ser contada entre heróis e teus feitos;
a esposa estorva a glória do marido. 100
Teu sucesso, um dos Pélias²¹ diz que foi magia,
e leva o povo a crer que isto é verdade:
“Não foi Jasão, mas sim a filha de Eetes
quem conquistou o áureo velocino”.

²⁰ Capital da Argólida, na Grécia, pátria de Jasão (FARIA, 1975, p. 98).

²¹ Tio de Jasão, irmão de Esão (GRIMAL, 2011, p. 362).

Nem teu pai nem Alcímede²² (ouve tua mãe), 105
 aprovam nora vinda lá do polo.
 Que ela busque marido em Tânais²³ ou nos pântanos
 da Cítia²⁴, ou mesmo em sua pátria, o Fásis!²⁵
 Filho de Esão, volúvel mais que os ventos zéfiros,
 por que não têm valor tuas promessas? 110
 Meu eras quando foste, meu não retornaste;
 que eu seja a esposa ainda, como eu era!
 Se te tocam nobreza e ascendência ilustre,
 meu pai, Toante, é filho do rei Minos.
 Por avós, tenho Baco e a brilhante consorte, 115
 cuja coroa ofusca outras estrelas.²⁶
 Terás, por dote, as terras fecundas de Lemnos;²⁷
 entre outros dotes, podes computar-me. 132
 Acabei de parir; dá-nos graças, Jasão!
 O autor da gestação tornou-a leve. 120
 Lucina²⁸ agraciou-me e fez que eu desse à luz
 dois filhos gêmeos, prova de amor dupla.
 Se tens curiosidade, são a tua cara;
 não mentem; tudo o mais do pai puxaram.
 Quase os mandei a ti, quais meus embaixadores; 125
 mas vil madrasta fez que eu desistisse.

²² Esposa de Esão, mãe de Jasão (GRIMAL, 2011, p. 259).

²³ Rio situado entre a Europa e a Ásia (FARIA, 1975, p. 986).

²⁴ Vasta região ao norte do mundo conhecido pelos antigos (FARIA, 1975, p. 909).

²⁵ Rio de Cólquida, pátria de Medeia (RIPERT, 1932, p. 294, nota 163).

²⁶ A “brilhante consorte” é Ariadne, princesa de Creta, filha de Minos, avó de Hipsípila. Referência à constelação de *Corona*, formada a partir da coroa dada a Ariadne por Baco como presente de núpcias (*Met.* 8. 169-182).

²⁷ Ilha do mar Egeu, governada por Hipsípila (GRIMAL, 2011, p. 234).

²⁸ Epíteto de Juno, protetora dos partos (GRIMAL, 2011, p. 260).

Não só por ser madrasta receei Medeia;
a todo crime suas mãos se prestam.
Se foi capaz de o irmão esquartejar nos campos,
o que ela não faria com meus filhos? 130
Dizem que aquela, ó cego por venenos cólquidos,
que aquela preferiste a Hipsípile!
De modo vergonhoso, ela encontrou marido;
unidos fomos nós por tocha casta.
Ela traiu seu pai; eu protegi Toante. 135
Cólquida ela deixou; eu tenho Lemnos.
Que importa, se a malvada vence a honesta e o próprio
erro lhe angariou marido e dote?
Condeno, mas não estranho o crime das lemníades,
Jasão; a dor confere força aos fracos. 140
Diz-me, se acaso ventos te desnortassem,
trazendo-te, com a amante, até meu porto,
e eu fosse ao teu encontro com gêmeos no colo,
não quererias que o chão te engolisse?
Com que cara, maldito, irias nos olhar? 145
Merecerias, pelo ardil, qual morte?
Eu te perdoaria, não por seres digno,
mas sim porque sou muito piedosa;
quanto à que te roubou de mim com sortilégios,
eu mesma arrancaria os olhos dela. 150
Eu seria à Medeia uma Medeia. E caso,
do alto, o justo Jove ouvir meus rogos,

que a usurpadora sofra o tanto que sofri,
 sentindo as suas leis na própria pele,
 e, como fui deixada, esposa e mãe de dois, 155
 que ela perca dois filhos e o marido,
 de um modo mais terrível do que os arranjava;
 e, desterrada, vague o mundo em fuga.
 Que seja tão cruel com a prole e com o esposo
 quanto foi com seu pai e seu irmão; 160
 e, após errar por terra e mar, procure os ares,
 sem nada além do sangue da matança.
 Eis o que a atraçoada Toantida²⁹ implora.
 Gozai, casal, de um leito esconjurado!

HYPHIPYLE IASONI

[Lemnias Hypsipyle, Bacchi genus, Aesone nato
 Dicit, et in uerbis pars quota mentis erat.]
 Litora Thessaliae reduci tetigisse carina
 Diceris auratae uellere diues ouis.
 Gratulor incolumi, quantum sinis; hoc tamen ipsa
 Debueram scripto certior esse tuo.
 Nam ne pacta tibi praeter mea regna redires, 5
 Cum cuperes, uentos non habuisse potes.
 Quamlibet aduerso signetur epistula uento;
 Hypsipyle missa digna salute fui.
 Cur mihi fama prior de te quam littera uenit

²⁹ Adjetivo patronímico de “Toante”, isto é, “filha de Toante” (FARIA, 1975, p. 1005).

Isse sacros Martis sub iuga panda boues, 10
Seminibus iactis segetes adolesse uirorum
Inque necem dextra non eguisse tua,
Peruigilem spoliū pecudis seruasse draconem,
Rapta tamen forti uellera fulua manu?
Hoc ego si possem timide credentibus “ista 15
Ipse mihi scripsit” dicere, quanta forem!
Quid queror officium lenti cessasse mariti?
Obsequium, maneo si tua, grande tuli.
Barbara narratur uenisse uenefica tecum,
In mihi promissi parte recepta tori. 20
Credula res amor est. Vtinam temeraria dicar
Criminibus falsis insimulasse uirum!
Nuper ab Haemoniis hospes mihi Thessalus oris
Venerat et tactum uix bene limen erat:
“Aesonides, dixi, quid agit meus?” Ille pudore 25
Haesit in opposita lumina fixus humo.
Protinus exilui tunicisque a pectore ruptis:
“Viuit? an, exclamo, me quoque fata uocant?
-Viuit”, ait timidus; timidum iurare coegi;
Vix mihi teste deo credita uita tua est. 30
[Vtque animus rediit, tua facta requirere coepi.
Narrat aenipedes Martis arasse boues,
Vipereos dentes in humum pro semine iactos,
Et subito natos arma tulisse uiros;
Terrigenas populos ciuili Marte peremptos 35

Implesse aetatis fata diurna suae.

Deuictus serpens. Iterum, si uiuat Iason,

Quaerimus; alternant spesque timorque fidem.]

Singula dum narrat, studio cursuque loquendi

Detegit ingenio uulnera facta tuo. 40

Heu! ubi pacta fides? ubi conubialia iura

Faxque sub arsueros dignior ire rogos?

Non ego sum furto tibi cognita; Pronuba Iuno

Adfuit et sertis tempora uinctus Hymen;

[At mihi nec Iuno, nec Hymen, sed tristis Erinys 45

Praetulit infaustas sanguinolenta faces.]

Quid mihi cum Minyis, quid cum Tritonide pinu?

Quid tibi cum patria, nauita Tiphy, mea?

Non erat hic aries uillo spectabilis aureo,

Nec senis Aeetae regia Lemnos erat. 50

Certa fui primo (sed me mala fata trahebant)

Hospita feminea pellere castra manu,

Lemniadesque uiros, nimium quoque, uincere norunt;

Milite tam forti uita tuenda fuit.

Vrbe uirum ut uidi, tectoque animoque recepi. 55

Hic tibi bisque aestas bisque cucurrit hiemps.

Tertia messis erat, cum tu dare uela coactus

Implesti lacrimis talia uerba tuis:

“Abstrahor, Hypsipyle, sed (dent modo fata recursus!)

Vir tuus hinc abeo, uir tibi semper ero; 60

Quod tamen e nobis grauida celatur in aluo,

Viuat et eiusdem simus uterque parens!”
Hactenus et lacrimis in falsa cadentibus ora
Cetera te memini non potuisse loqui.
Ultimus e sociis sacram conscendis in Argo. 65
Illa uolat; uentus concaua uela tenet;
[Caerula propulsae subducitur unda carinae;
Terra tibi, nobis aspiciuntur aquae.]
In latus omne patens turris circumspicit undas;
Huc feror et lacrimis osque sinusque madent. 70
Per lacrimas specto, cupidaeque fauentia menti
Longius adsueto lumina nostra uident.
Adde preces castas immixtaque uota timori,
Nunc quoque te saluo persoluenda mihi.
Vota ego persoluam? uotis Medea fruetur! 75
Cor dolet atque ira mixtus abundat amor.
Dona feram templis, uiuum quod Iasona perdo?
Hostia pro damnis concidat icta meis?
Non equidem securam fui semperque uerebar
Ne pater Argolica sumeret urbe nurum. 80
Argolidas timui; nocuit mihi barbara paelex.
Non expectata uulnus ab hoste tuli.
Nec facie meritisque placet, sed carmina nouit
Diraque cantata pabula falce metit.
[Illa reluctantem cursu deducere Lunam 85
Nititur et tenebris abdere Solis equos;
Illa refrenat aquas obliquaque flumina sistit,

Illa loco siluas uiuaque saxa mouet;
 Per tumulos errat passis discincta capillis
 Certaue de tepidis colligit ossa rogis. 90
 Deuouet absentis simulacraque cerea figit,
 Et miserum tenuis in iecur urget acus,]
 Et quae nescierim melius. Male quaeritur herbis
 Moribus et forma conciliandus amor.
 Hanc potes amplecti thalamoque relictus in uno 95
 Impavidus somno nocte silente frui?
 Scilicet ut tauros, ita te iuga ferre coegit,
 Quaque feros anguis, te quoque mulcet ope.
 Adde, quod adscribi factis procerumque tuisque
 Se facit et titulo coniugis uxor obest. 100
 Atque aliquis Peliae de partibus acta uenenis
 Imputat et populum, qui sibi credat, habet:
 “Non haec Aesonides, sed [filia] Phasias Aetine
 Aurea Phrixiae terga reuellit ouis”.
 Non probat Alcimede mater tua (consule matrem). 105
 Non pater, a gelido cui uenit axe nurus;
 Illa sibi Tanai Scythiaeque paludibus udae
 Quaerat et a patria Phasidis usque uirum!
 Mobilis Aesonide uernaue incertior aura,
 Cur tua polliciti pondere uerba carent? 110
 Vir meus hinc ieras, uir non meus inde redisti;
 Sim reducis coniunx, sicut euntis eram!
 Si te nobilitas generosaue nomina tangunt,

En, ego Minoo nata Thoante feror.
Bacchus auus; Bacchi coniunx redimita corona 115
Praeradiat stellis signa minora suis.
Dos tibi Lemnos erit, terra ingeniosa colenti;
Me quoque dotales inter habere potes.
Nunc etiam peperit; gratare ambobus, Iason.
Dulce mihi grauidae fecerat auctor onus. 120
Felix in numero quoque sum prolemque gemellam,
Pignora Lucina bina fauente dedi.
Si quaeris cui sint similes, cognosceris illis;
Fallere non norunt; cetera patris habent,
Legatos quos paene dedi pro matre ferendos; 125
Sed tenuit coeptas saeua nouerca uias.
Medeam timui; plus est Medea nouerca;
Medeae faciunt ad scelus omne manus.
Spargere quae fratris potuit lacerata per agros
Corpora, pignoribus parceret illa meis? 130
Hanc, hanc, o demens Colchisque ablata uenenis,
Diceris Hypsipyles praeposuisse toro!
Turpiter illa uirum cognouit adultera uirgo;
Me tibi teque mihi taeda pudica dedit.
Prodidit illa patrem; rapui de caede Thoanta. 135
Deseruit Colchos; me mea Lemnos habet.
Quid refert, scelerata piam si uincet et ipso
Crimine dotata est emeruitque uirum?
Lemniadum facinus culpo, non miror, Iason;

Quamlibet infirmis ipse dat arma dolor. 140
 Dic age, si uentis, ut oportuit, actus iniquis
 Intrasses portus tuque comesque meos
 Obuiaque exissem fetu comitante gemello,
 Hiscere nonne tibi terra roganda fuit?
 Quo uultu natos, quo me, scelerate, uideres? 145
 Perfidiae pretio qua nece dignus eras?
 Ipse quidem per me tutus sospesque fuisses,
 Non quia tu dignus, sed quia mitis ego;
 Paelicis ipsa meos implessem sanguine uultus,
 Quosque ueneficiis abstulit illa suis. 150
 Medeae Medea forem. Quodsi quid ab alto
 Iustus adest uotis Iuppiter ille meis,
 Quod gemit Hypsipyle, lecti quoque subnuba nostri 140
 Maereat et leges sentiat ipsa suas,
 Vtque ego destituor coniunx materque duorum, 155
 A totidem natis orba sit aque uiro;
 Nec male parta diu teneat peiusque relinquat;
 Exulet et toto quaerat in orbe fugam.
 Quam fratri germana fuit miseroque parenti
 Filia, tam natis, tam sit acerba uiro; 160
 Cum mare, cum terras consumpserit, aera temptet;
 Erret inops, exspes, caede cruenta sua.
 Haec ego, coniugio fraudata Thoantias oro.
 Viuite deuoto nuptaque uirque toro!

REFERÊNCIAS

ALVES, João Paulo Matedi. **Elegias de Tibulo**: tradução e comentário. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

ANDRÉ, Carlos Ascenso. “Tradução”. In: OVÍDIO. **Heróides**: cartas de amor. Tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso André. Lisboa: Cotovia, 2016.

APOLONIUS RHODIUS. **The Argonautica**. With an English translation by R. C. Seaton. London: William Heinemann / New York: G. P. Putnam’s Sons, 1919.

BORNECQUE, Henri. “Introduction”. In: OVIDE. **Héroïdes**. Texte établi par Henri Bornecque et traduit par Marcel Prévost. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

DUQUE, Guilherme Horst. **Do pé à letra**: Os *Amores* de Ovídio em tradução poética. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

EURÍPEDES. **Medeia**. Direção e coordenação geral de Tereza Virgínia Ribeiro. Tradução Trupersa. São Paulo: Ateliê, 2013.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

FLORES, Guilherme Gontijo. “Tradução”. In: PROPÉRCIO. **Elegias de Sexto Propércio**. Organização, tradução, introdução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

GONÇALVES, Simone Ligabo. **As Heroides de Ovídio: uma tradução integral**. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles. “Tradução”. In: OVÍDIO. **Fastos**. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior; revisão da tradução Júlia Batista Castilho de Avellar. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2011.

GUERREIRO, Miguel do Couto. **Cartas de Ovídio chamadas *Heroides*, expurgadas de toda a obscenidade, e traduzidas em rima vulgar**. Tomo I-II. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1789.

MELO, João Victor Leite. Considerações sobre retórica, poética e recepção na tradução das *Cartas de Ovídio chamadas Heroides*, de Miguel do Couto Guerreiro. **Nuntius Antiquus**. UFMG, Belo Horizonte. v. 17, n. 2, p. 107-142, 2021.

MELO, João Victor Leite. Precursores do dístico vernáculo 12/10 na tradução de elegia latina em língua portuguesa. **Tradução em revista**. v. 2, n. 35, p. 171-194, 2023.

MELO, João Victor Leite. Retraduzindo as *Heroides* de Ovídio: a carta de Medeia a Jasão. **Translatio**: Revista do núcleo de estudos de tradução Olga Fedossejeva do Instituto de Letras da UFRGS. n. 21. p. 73-94, 2021b.

OLIVA NETO, João Angelo. "Entrevista". In: GUERINI, Andréia; COSTA, Walter Carlos. (Orgs.). Entrevista com João Angelo Oliva Neto. **Cadernos de tradução**. v. 1. n. 25. p. 261-278. 2010.

OLIVA NETO, João Angelo. "Tradução". In: CATULO. **O livro de Catulo**. Introdução, tradução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

OVIDE. **Héroïdes**. Texte établi par Henri Bornecque et traduit par Marcel Prévost. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Domingos Lucas Dias. São Paulo: 34, 2017.

RIPERT, Émile. "Notes". In: OVIDE. **Les Héroïdes**. Traduction, introduction, notes et texte établis par Émile Ripert. Paris: Garnier Frères, 1932.

SILVA, Dunia Marinho. "Tradução". In: OVÍDIO. **As Heróides**: cartas de amor. Tradução de Dunia Marinho Silva. Prefácio e notas de Jean-Pierre Néraudau. São Paulo: Landy, 2003.

TAVARES, Hênio. **Teoria Literária**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1996.

VERGNA, Walter. **Heroides**: a concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio. Rio de Janeiro: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1975.